

O CAÇULA DA FAMÍLIA

(Três atos de Erico Cramer)

1º A T O

Roberto
"Narrador"

CONTROLE - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA, FINDE.COM MÚSICA DE NARRAÇÃO.

Narrador - Serafim era o caçula da família e foi a cruz que o destino colocou sobre os meus ombros, desde que meu pai fugiu, dêste para o mundo misterioso da treva e do silêncio! Bramos, antes, quatro irmãos e Wanda, a mais moça, tinha dez anos de idade quando ele nasceu. Em vista da grande diferença ~~de idade~~ que o separava de todos nós, Serafim ficou sendo, desde logo, o "ai Jesus" da família. Catarina, nossa irmã mais velha, e que ao tempo contava dezesseis anos, foi a madrinha escolhida para o seu batismo e eu, que era o segundo na ordem cronológica das idades e, além disto, o seu único irmão homem, fui convidado para seu padrinho. Ficou, então, a família na ordem, composta dos seguintes membros: Pai, Mamãe, Catarina, eu, Lucy, Wanda e Serafim. E a vida continuou, a partir de então, menos serena e tranquila, em razão dos berreiros infernais que o caçula fazia durante a noite, não nos deixando repousar das fadigas dos estudos e folguedões de todo um dia. Minha mãe, resignada e paciente criatura que todos admiravam, chegava, por vezes, a se exasperar.

CONTROLE - CHORO PORTE DE CRIANÇA EM SEGUNDO PLANO.

Mimosa - Eu já não sei mais o que fazer! Esse menino tem que ter alguma coisa. Não é possível uma criança chorar, desta maneira, a noite todinha, sem ter uma causa justificada, mas eu confesso que não consigo atinar com essa causa. Já fiz tudo que era possível e estou com os braços dormentes de acalantar esse menino.

CONTROLE - VAI APASTANDO O CHORO ATÉ DESAPARECER.

Narrador - E essa luta desesperada, foi de meses a fio! Um por um todos nós levantávamos da cama e vínhamos dar auxílio a mãe, já que não era possível, a ninguém, dormir com um berreiro daquelas. Comecei, então, a me mover de sono sobre os livros, durante o dia, e as minhas notas começaram a baixar, a cair, até que no primeiro exame prestado, após o nascimento de Serafim, o resultado foi o único que se podia esperar: reprovado. E assim a situação permaneceu, inalterada, durante onze longos meses. Um dia, uma vizinha disse à nossa mãe...

Vizinha - A senhora quer ver como eu faço esse menino dormir a noite toda?

Mimosa - Meu Deus, vizinha, si querol... Eu já não sei mais o que fazer com ele e sinto que vou acabar exgotando os meus nervos.

Vizinha - Pois então a senhora vai me deixar vir aqui, todas as noites, preparar-lhe a última mamadeira.

Mimosa - Deixe, sim, como não? Só tenho pena do trabalho que vou lhe dar.

Vizinha - Pois eu vou lhe dizer, francamente, que prefiro esse trabalho do que ouvir essa criança chorar ~~o dia inteiro~~ *a noite inteira*. Sim, porque eu ouço o choro ~~de~~ lá de casa, a senhora sabe?

Mimosa - Eu sempre calculei isso, vizinha, mas infelizmente nunca pude fazer nada.

Vizinha - Não tem importancia. A senhora vai ver como agora ele vai dormir.

N Narrador - E a partir daquela noite em que a vizinha começou a preparar-lhe a última mamadeira, Serafim começou a dormir como um anjo! Mais tarde, descobrimos que ela punha duas gotas de cognac *no leite que* ~~meu filho~~ *meu filho* e isto nos custou, além ~~da~~ *da* preocupação, uma discussão muito forte da mãe com a vizinha e o estreitamento das nossas relações. Quando ele estava com dois para três anos, adoeceu gravemente e todas as economias que mãe e pai haviam feito para as despesas do meu ingresso no Curso Científico, desapareceram, em menos de um mês, ~~consumidas~~ *consumidas* que foram pela sua pleurisia. Mais um ano perdido, por culpa dele! Transcorridos mais onze meses, pai faleceu, repentinamente e, recaindo sobre os meus ombros toda a responsabilidade de uma família que não era pequena, fui forçado a abandonar, de vez, a ideia de me formar, empregando-me num escritório comercial, para, com o meu ordenado, poder fazer frente aos gastos da família. Minhas irmãs me ajudavam, aceitando encomendas de doces, bordados e outros trabalhos caseiros. Serafim foi crescendo e, mimoso de toda a família, foi se tornando um menino teimoso, cheio de vontades, displicente no cumprimento dos seus deveres, mal educado e antipático por toda a vizinhança. E quando eu tentava fazer qualquer observação sobre o seu modo de ser, a família inteira se insurgia contra mim.

Mimosa - Deixe-o, meu filho. Não lhe diga nada. O pobresinho foi tão doentinho quando pequeno... Até hoje é um menino fraco, não podemos exigir grande coisa dele.

Catarina - Você é muito severo com ele, mano. Afinal, o que ele faz é o que

fazem todos os meninos da idade dele.

Lucy - E nem por isso os pais dos outros se aborrecem tanto como você. Você parece que tem prazer em castigar a criança.

Wanda - Não parece irmão, parece padrasto. Reclamando tudo que o menino faz. Arre, mano, que coisa!...

Catarina - Qualquer dia você vai querer dar-lhe bordoadas, não é? Também é só o que falta, porque carão é castigo é todo o santo dia.

Wanda - Eu já fico nervosa, quando você chega em casa, porque já estou sabendo que vem reclamação contra o Fimsinho.

Lucy - Isso tem que acabar, mano, você tem que perder essa mania.

Mimosa - É, meu filho, você precisa aprender a ter mais tolerância com o seu irmão.

^R
Narrador - (representando) Mas mãe, a questão é que cada vez que eu volto do serviço, quer seja na hora do almoço, ou na hora do jantar, sempre tem um dos vizinhos à minha espera, para queixar-se *de que o...*

Catarina - (cortando) Óra, os vizinhos! Os vizinhos! Você ainda persiste nessa ideia absurda de dar ouvidos às reclamações dos vizinhos?

Lucy - Como si eles também não nos dessem motivos a outras tantas reclamações.

Wanda - Eles implicaram com o Fimsinho, essa é que é a verdade. O coitadinho não faz nada para eles. Absolutamente nada.

^R
Narrador - (representando) Ainda ante-ontem, quebrou dois vidros de trezentos e seis e eu tive que pagá-los.

Catarina - Você viu se foi ele?

Lucy - Só porque o homem disse, ele acreditou e pagou logo.

Mimosa - Para mim o Fimsinho disse que não foi ele.

Wanda - E não foi, mesmo. Tenho certeza absoluta.

^R
Narrador - Pois para mim ele disse que foi e por isso eu paguei os vidros.

Catarina - Bem, si ele disse que foi... pode ter sido, mas não o terá feito de propósito, como o homem ~~disse~~ afirmou.

Lucy - Não foi de propósito, nada, eu sei bem. Ele estava jogando futebol com o Pintado, deu um shoot mais forte... a bola bateu no vidro e quebrou-o.

^R
Narrador - O homem reclamou, como era natural ele ficou com raiva e deu outro shoot em direção do outro vidro, quebrando-o também.

Wanda - Isso foi o que o homem disse, mas não foi assim porque eu vi. Elas con-
tinuaram jogando e muito tempo depois foi que a ~~bola~~ bola bateu no outro
vidro.

Catarina - Já vê que não foi de propósito coisa nenhuma. Foi sem querer.

Lucy - Claro que foi sem querer.

Mimosa - Decerto. Agora o menino ia fazer uma coisa destas?

Narrador - Está bem, não se discute mais. Eu nem sei porque ainda falo das coisas que ele faz, porque eu nunca tenho razão.

Wanda - E não tem mesmo.

Lucy - Claro que não tem.

Catarina - O que você tem é má vontade contra o menino. *Pura má vontade!*

Narrador - (narrando) E assim era sempre, a propósito de tudo. Serafim era ~~o~~ *o* mais inocente, o mais puro, o mais comportado e o mais obediente ~~de todos~~ *de todos* os meninos do mundo. E era também o mais perseguido, o mais injustiçado, *(ironia)* sem que houvesse nenhuma razão para tal. E eu continuava, na opinião da família, a ser o maior perseguidor, o mau padrao, o implicante, o carrasco, o demolidor... *(Pausa e tom)* Uma noite ~~meu~~ *minha* mãe veio falar comigo, a propósito de uma *visita* que lhe fizera, naquela tarde, o dono da casa onde morávamos. A casa ia ser demolida, para levantar-se um prédio de apartamentos, e nós precisavamos desocupá-la. Era um sério problema para nós, que pagavamos, naquela tempo, *noventa* mil reis de aluguel, e sabíamos que não encontraríamos para onde ir, por menos de *cinco contos* de reis.

Mimosa - Eu não sei o que iremos fazer, meu filho. Estou seriamente preocupada.

Narrador - Inda mais que eu fui aumentado ~~em~~ *dois contos de* reis, ha menos de seis meses e não posso pedir novo aumento.

Mimosa - Mas quem sabe?... Talvez você explicando ao seu chefe o que aconteceu...

Narrador - Não, Mãe, não é possível. Eu não posso fazer isto. Aqui só ha um remédio: O Serafim se empregar, para nós ajudar nas despesas e ~~estudar~~ estudar *à* noite. *(Narrando)* Foi como si eu houvesse riscado um fôlo fora num rastilho de pólvora.

Catarina - Você está louco, mano? Quer matar o menino?

Lucy - Era só o que faltava! Nesse caso irei eu procurar um emprego.

Mimosa - Não, minha filha, isso nunca. Você bem sabe que seu pai dizia sempre: si as minhas filhas tiverem necessidade de trabalhar, trabalharão em casa. Empregadas na rua será, para mim, a última coisa.

Lucy - Eu sei que o pai não desejava isto, mas prefiro fazê-lo do que sujeitar o pobre do Viciado a tamanha judiaria.

Wanda - Quem é que pode trabalhar de dia e estudar de noite? Quem? *Quem?*

^R
Narrador - Quasi todo o mundo, mana. Toda aquela gente que você vê sair dos cursos noturnos, o que é que você pensa que faz durante o dia? Trabalha para se manter, ou para ajudar as famílias.

Wanda - Mas isso é uma barbaridade! *Uma* estupidez!

Catarina - O Pim-fim não tem saúde para resistir *a* uma coisa dessas.

Lucy - Ficaria doente em menos de um mês.

Mimosa - Isso é o que mais me assusta.

^R
Narrador - Ficaria doente coisa nenhuma! Um rapaz forte, com deztoite anos, que vive no clube de regatas, nadando e remando, em vez de estudar para completar logo o seu curso e desafogar um pouco a gente!

Catarina - Desafogar em que, si você não lhe dá coisa alguma?

Lucy - Si a pensão que ele tem comos nós que lhe damos, do dinheiro que ganhamos com os nossos trabalhinhos?

Wanda - Claro. O Pimfim não é pesado a você em coisa alguma.

Catarina - Você não lhe dá absolutamente nada.

^R
Narrador - Como não lhe dou?!...

Lucy - O que é que você dá? Diga. Palavra que eu gostaria de saber.

^R
Narrador - Quem paga a casa que ele mora / não sou eu? Quem paga a comida que ele come? Não sou eu? Quem lhe paga os livros? Os professores? E então somando tudo isso / não representa alguma coisa para quem tem apenas um ordenado razoavel? E as minhas camisas que ele usa, quando acha que as dele / não estão em condições? E as minhas meias? Os meus sapatos? Tudo que compro de melhor, para mim, não é ele que usa em primeiro lugar? E vocês acham que tudo isso não é nada?

Catarina - Oh, mano, parece mentira que você alegue coisas tão pequenas.

Lucy - É verdade. Nunca pensei que você fôsse assim tão mesquinho.

Wanda - Isso até causa tristeza no coração da gente, mano. Alegar até a comida que dá ao pobresinho.

^R
Narrador - Eu não estou alegando. E daria por muito bem empregado tudo isso, si ele nos compensasse do esforço que fazemos; mas em troca o que é que acontece? Ele vive nas festas e nos clubes, num grupo de rapazes que só pensam em divertir-se, tirando sempre péssimas notas no colégio e repetindo um ano atrás do outro. Isso não é justo, vocês precisam compreender.

Catarina - Você é que precisa compreender que ele tem só dezito anos e que é muito pouca idade para encarar a vida tão a sério.

R
Narrador - Eu assumi responsabilidades muito maiores, com menos idade do que ele tem hoje, maninha. Não esqueça.

Lucy - E achou bom? Não podia ter achado. Portanto, deixe o coitado aproveitar um pouco a mocidade dele já que você não pode aproveitá-la *vasua*.

Wanda - Claro. Isso até é um egoísmo da sua parte. Como você não pode fazer isso, não quer que o outro faça?

R
Narrador - Está bem, eu não quero mais discutir com vocês, mas temos que achar um meio de sair dessa trapalhada em que nos encontramos, porque o meu ordenado não dá para pagarmos ~~o aluguel de casa~~ *o aumento do* aluguel de casa.

Mimosa - Deus ha de nos ajudar, meu filho. Não se afflija.

N Narrador - (contando) Encontramos uma casa de madeira num arrabalde, por *quatro* ~~dois~~ *Cortes* mensais. Para cobrir a diferença do aluguel, mãe começou a dar comida para fora, mas os hábitos de Serafim continuaram inalterados. Quando já estávamos ~~há~~ *há* dois anos nessa casa, mudou-se para a nossa vizinhança uma moça muito meiga e bonita que se chamava Azalée. Logo fez relações com as minhas irmãs e vivia sempre lá em casa. Eu, que nunca dispuzera de tempo para namoros, comecei a interessar-me pela beleza e pela meiguice de Azalée e deixei de sair à noite, para a volta que sempre dava, depois do jantar, afim de poder estar perto dela e desfrutar ~~o~~ *da* sua agradável companhia, nos momentos em que ~~estava~~ *ela* ~~estava~~ *estava* ~~na~~ *na* casa. Ela parecia corresponder à minha simpatia e não tardou em que minhas irmãs percebessem o namoro. No princípio, se mostravam muito entusiasmadas e até nós protegiam discretamente, arrenjando na neira de nos deixarem a sós. Certo dia, no entanto, Catarina veio me falar no assunto.

Catarina - Mano, você precisa afastar da sua cabeça essa ideia de namorar Azalée. Não pense mais nela e desista.

R
Narrador - Desistir? Mas por que? Ela falou alguma coisa a esse respeito?

Catarina - Não falou, mas... nota-se perfeitamente que ela já não está mais interessada em você. O seu interesse, agora, anda por outros lados.

R
Narrador - Como assim? Juro-lhe que não estou entendendo, mane. Fale claro.

Catarina - É melhor, sim. Mesmo porque, si eu lhe disser o nome do rapaz, você vai compreender melhor que não terá outro remédio a não desistir.

Narrador - Fale, então. *Quem é esse rapaz por quem ela mostra maior interesse?*

Catarina - É o Serafim.

CONTROLE - ACORDE TRÁGICO, SEM CORTAR A CENA.

Narrador - (choque) *Hein?!... O Serafim?!... O meu irmão?!...*

Catarina - Ele, sim.

Narrador - Mas isso... isso é uma indignidade! Uma deslealdade!... *Uma infâmia.*

Catarina - Como indignidade? Por que deslealdade? *Por que infâmia?* *Você não tinha nenhum compromisso com ela.*

Narrador - Mas ele sabia... todos sabem *em* que eu gosto de Azaléa. E eu vou falar com ela. Não recuarei um só passo, sem antes me entender com ela.

Catarina - Como mano?!... Mas então você pretende fazer frente ao seu irmão?

Narrador - Desta vez, sim. Até agora, tenho desistido de tudo e renunciado a tudo por causa dele. Meus estudos, meus passeios, minhas aspirações, minha tranquilidade, tudo, tudo tem sido sacrificado para que ele possa fazer uma vida cômoda e regalada. Mas desta vez, ele exige demais. Azaléa é o meu amor. É a minha vida. É o prêmio de uma ~~vida~~ ^{existência} inteira dedicada à renúncia e ao sacrifício pelo bem estar da minha família. É demais, mana! É demais!... Eu não posso e não renunciarei ao meu amor, mana! Ao meu único amor! (voz de pranto) Ao meu único amor!...

FIM DO 1º ATO

CONTROLE - CARACTERÍSTICA MUSICAL PORTE, PARA FINAL DO 1º ATO.

Narrador - Minha declaração de que não abriria mão de Azaléa e de que lutaria pela minha felicidade, provocou uma revolução na família ~~inteira~~ ^{inteira}. Enquanto todos nós ~~notificávamos~~ ^{notificávamos}, dentro de casa, eu profundamente magoado com minha mãe e minhas irmãs e elas, por sua vez, indignadas com o que diziam ser "um injustificado egoísmo" de minha parte, Serafim continuava, alheio e indiferente, sua vida de festas, cinemas, clubs, passeios de automóvel com meninas modernas que lhe permitiam absurdas e exageradas intimidades. E só via Azaléa, quando, uma vez ou outra, as suas obrigações sociais lhe permitiam vir em casa almoçar ou jantar. É verdade que nesses momentos ele a cortejava e parecia interessar-se por ela, mas poderia se comparar o seu interesse ao meu amor tão sincero? E foi isso o que eu disse a Azaléa, quando certo dia, enchendo-me de coragem, resolvi tomar

uma atitude que ~~me~~ arrancasse todas as raízes daquela dúvida que se infiltrava no meu coração. Nunca mais, em minha casa, eu tivera oportunidade de falar-lhe a sós. Havia, sempre, uma das minhas irmãs de sentinela junto de nós. Naquela tarde, jantei mais cedo e, antes que ela chegasse, menti que tinha necessidade de ir ao centro visitar um colega doente e saí. Fiquei de guarda e acis ou oito passos de sua porta e, quando ela saiu, chamei-a e levei-a a caminhar para outros lados. Chegamos à praça deserta e sentamo-nos num banco. Tivemos um momento de silêncio que foi rompido por ela.

Azaléa - (depois de pausa) Você... você disse que precisava muito falar comigo...

^R
Narrador - Sim... precisava, realmente...

Azaléa - Precisava? Não precisa mais? (Pausa) Arrependeu-se?

^R
Narrador - Não, Azaléa, é que eu... eu sou tímido para essas coisas, entende? Nunca... nunca namorei... nunca... nunca falei assim a sós com uma pequena... e agora... quasi velho... isso... isso me parece um pouco ri dículo...

Azaléa - (um pouco constrangida, também, mas tentando vencer a situação) Quasi velho? Tem graça... (ri sem vontade) Então... então você se considera quasi velho com trinta e oito anos? Não diga isso.

^R
Narrador - Bem, eu... eu quis dizer quasi velho para... para falar amorosamente a uma jovem... a uma jovem bonita, como você.

Azaléa - (depois de pausa) Então... você pretende... fazer-me uma declaração de amor? (Pausa) Pretende... dizer-me que... que gosta de mim?

^R
Narrador - Será necessário dizê-lo, Azaléa? Você... você não terá percebido isso... nos meus olhos... desde... desde já um ano fazado?

Azaléa - E porque... demorou tanto tempo? Porque... porque não me disse antes?

^R
Narrador - Eu nunca amei ninguém, Azaléa. Nunca tive tempo para pensar em amor. As preocupações com a família foram sempre muitas. Muitos os problemas a resolver, entende? Eu tinha que pensar em tudo, resolver todas as situações difíceis da família... e elas foram tantas que não me deram tempo para me deter noutra coisa.

Azaléa - (sinceramente penalizada) Foi uma pena que você não me tivesse falado assim a seis meses atrás.

^R
Narrador - Entendo. Hoje... hoje o seu coração já não lhe pertence, não é isso?

Azaléa - (depois de pausa, com esforço) Sim.

CONTROLE - PONTADA AGUA, SEM CORTAR A CENA.

Narrador - Você cansou de esperar e...

Azaléa - Não, não foi isso. Eu vou dizer a você, com toda a lealdade, a luta interior que sustentei, durante vários meses, para manter-me fiel à ideia de ser sua. Foi uma luta heroica e imensa, creia. Mas você não corria ao meu encontro. Não fazia nada para fortalecer as minhas energias quasi exangues. Limitava-se a olhar para mim, a sorrir ternamente, conversar sobre coisas banais, indiferentes, rotineiras, quando o meu coração pulsava, desejava, anciava por ouvir e experimentar um afago de amor, uma palavra de esperança. Foram dias, ^{semanas,} meses, de uma espera enervante, desesperada! E uma, duas, três, quatro vezes, contra você e contra mim:

Mimosa - Meu filho foi sempre assim, exquisiteso. Não nasceu com inclinação para o casamento. Ha de viver sempre ~~axxim~~ indeciso, sem atinar bem com o que deseja. E se chegar a casar... eu terei muita pena da que fôr mulher dele.

Catarina - Eu não posso acreditar que você goste do Lourival. Palavra que não posso. Exquisiteso, magro, curvado e alem de tudo... muito mais velho que você. Quasi que podia ser seu Pai.

Lucy - Serafim é um rapaz elegante, um atleta! Não ha moça que não fique logo, logo caidinha por ele. O mano Lourival, coitado, tão rachitico, tão curvado... chega dar a impressão de ser doente.

Wanda - O mano é bom, coitado, mas tem um temperamento muito difícil. Nada o satisfaz porque ele nunca sabe bem o que quer.

Azaléa - (continuando em tom de angústia) E todos os dias essas mesmas coisas eram repetidas aos meus ouvidos, duas, três, quatro vezes. Eu me sentia como um soldado abandonado no campo da luta, a lutar sósinho contra um exercito inteiro. Não queria ceder, mas, com a impetuosidade dos repetidos avanços, ia sentindo que perdia terreno. E lutava, ainda, contra mim, aliando-se à sua mãe e às suas irmãs, o exercito invisível de sentimentos que se alvorotavam dentro da própria fortaleza do meu coração. Bram elas a dúvida, o temor, a insegurança, a impaciencia, o desespero, a inquietação e a desconfiança. Eles solapavam e destruíam todas as defesas que a minha sinceridade colocava ao longo dos muros da fortaleza do meu afeto. Um dia... um soldado inimigo, audaz e destemido, num impulso de arrojo inigualavel, transpõe

- dum salto - os muros da minha fortaleza e nela implantou a bandeira da vitória, que ficou, desde então, a tremular ao vento.

R
Narrador - E si eu... si eu resolvesse lutar pela reconquista desse bem que, pela timidez, deixei que me arrebatassem?

Azaléa - Não sei, Lourival. Juro-lhe que não sei. Quero ser bem sincera e leal para com você e por isso devo dizer-lhe que o inimigo já tornou muito sólidas as suas posições de defesa. Não seria tão fácil.

R
Narrador - Mesmo assim... se você me autorizasse... eu estaria disposto a preparar um contra-ataque.

Azaléa - Sem nenhuma promessa de capitulação da minha parte. Você... aceitará essa condição?

R
Narrador - Essa... e qualquer outra que você impuzesse, porque eu a amo demais, Azaléa, para entregar sem luta, a outro homem, a mulher que amo.

Azaléa - E... e si eu lhe dissesse... que esse outro homem... é o seu próprio irmão?

CONTROLE - ACORDE TRÁGICO, EM FUNDO, SEM CORTAR.

R
Narrador - Eu já ~~me despedi~~ ^{sabia} e por isso não me surpreendo. E o que lhe posso afirmar é que, mesmo contra êle, eu estou disposto a lutar e a vencer.

Azaléa - (depois de pausa) Está bem. Faça, então, o que deseja. (Tom) E agora eu vou que suas irmãs já devam estar extranhando a minha demora e podem ir lá em casa procurar-me.

N Narrador - (narrando) Ela se despediu e saiu, graciosa e ligeira, em direção à nossa casa. Eu fiquei, ainda, algum tempo, sentado no banco daquela praça deserta, perdido nos meus pensamentos, que oscilavam, ágeis, entre a mágoa profunda e a revolta infinita. (Pausa) Talvez Azaléa tivesse sido sincera quando permitiu que eu lutasse pela reconquista do seu amor, mas cometeu a grande leviandade de expôr, às aliadas do meu inimigo, os meus planos de contra-ataque. E as aliadas, imediatamente, se puzeram em ação.

Gatarina - Foi ela mesma que me contou toda a conversa que teve com ele e si você não quer ser derrotado pelo seu irmão, trate de lavar a sério o seu namoro e firmar-se, definitivamente, no coração de Azaléa.

Lucy - Nem sei como você ainda não se resolveu a terminar de vez com essa plebêndia. E olhe que isso já vem de longe. A ideia que dá, aos que estão de fóra, é que lhe falta classe para dobrar a pequena.

Wanda - Mano Fiafim, você está perdendo tempo e terreno. O dia que você se resolver a tomar uma atitude definitiva... talvez seja tarde demais, lembre-se disto.

Mimosa - É, meu filho, sua irmã tem razão. Você não se resolve nunca... a moça pode cansar de esperar.

N Narrador - Serafim, como a maioria dos homens muito incensados pela sua beleza, era tremendamente vaidoso e não poderia, jamais, admitir uma derrota, principalmente imposta por mim. Procurei logo Azaléa e lhe propus ~~o~~ casamento. Ela, ou porque estivesse realmente indecisa ou porque desejasse agular-lhe ainda mais o desejo de vitória, pediu-lhe um prazo de quinze dias, para pensar melhor no assunto. Quando fui sabedor do acontecido, exultei de alegria e enchi-me de esperanças. E o quartel general do inimigo despejou sobre mim sua revolta.

Catarina - Parece mentira que você tenha a coragem de procurar interpor-se entre o seu irmão mais moço e a moça que ele ama.

N Narrador - Eu também amo e você sabe muito bem disso.

Catarina - Você até é ridículo na sua pretensão.

N Narrador - Ridículo por que?

Catarina - Por que? Você ainda pergunta? Esquece-se de que é *doze* anos mais velho do que ela?

Lucy - Claro! Quasi que podia ser seu pai.

N Narrador - Ela também é *quatro* anos mais velha do que ele.

Lucy - *Quatro* anos não é diferença.

Wanda - Ainda mais quando não se mostra a idade.

Catarina - O que não é o seu caso. Em você a diferença parece muito maior do que realmente é.

Lucy - Sem dúvida, mano. Você é um velho perto de Azaléa.

Wanda - Convença-se disso e desista.

N Narrador - É inútil. Pensem o que quiserem e digam o que disserem, eu não desistirei.

Catarina - Egoísta!

Lucy - Invejoso!

Wanda - Caim! Um perfeito Caim, você é.

N Narrador - (contando) Tive ímpetos de gritar-lhes que Caim era ele, que só pela vaidade de não ser derrotado na batalha do amor - que por ele não

era amor - não titubeava em abrir luta comigo, buscando destruir a minha felicidade. Cheguei mesmo a esboçar um gesto de protesto contra os adjetivos que elas me atiravam, mas sentindo a inutilidade dos meus argumentos, deixei cair o braço, que se levantára num impulso instintivo de defesa e retirei-me em silencio. No dia seguinte procurei Azaléa.

Azaléa - Eu disse a você que esperasse os quinze dias para saber a minha resolução. Restam-me, portanto, dois dias ainda.

^R
Narrador - Mas eu não posso mais esperar, Azaléa. Margem de paciência e de ansiedade.

Azaléa - Vocês homens são engraçados. Quando tem tudo nas mãos não sabem aproveitar. Quando sentem a possibilidade de poder vir a perder qualquer coisa, querem segurá-la na mesma hora.

^R
Narrador - Faça-me as reprimendas que quiser, porque eu as mereço, mas por favor não me deixe mais tempo nessa angústia que estou vivendo. Eu preciso que você se defina hoje, agora, já.

Azaléa - Eu desejava tanto que você e seu irmão esperassem esses dois dias que ainda faltam para se extinguir o prazo que lhes pedi!

^R
Narrador - Será possível que você ainda não tenha tomado uma resolução nos três dias que transcorreram e que tenha deixado para os dois últimos pensar e decidir?

Azaléa - Eu não tenho feito outra coisa, em todas as minhas horas, senão pensar em vocês dois, Lourival.

^R
Narrador - Nesse caso, diga-me, ao menos, o que tem pensado. Talvez, até, eu possa ajudá-la a raciocinar com maior clareza.

Azaléa - Eu já pensei, Lourival e a minha resolução... já está tomada.

^R
Narrador - Nesse caso, por que insiste em que eu espere ainda dois dias para ~~me~~ se pronunciar?

Azaléa - Porque... porque eu tencionava escrever-lhe uma carta. Ia escrevê-la amanhã. Eu... eu não desejava dizer-lhe pessoalmente o que decidi.

Narrador - (depois de pausa) Já sei. Já compreendi tudo. Você... você se decidiu por ele; não é verdade?

Azaléa - (pena infinita, abafada, depois de pausa) Sim, Lourival.

CONTROLE - ACORDE TRÁGICO, SEM CORTAR A CENA.

^R
Narrador - (depois de pausa, caindo o tom) Está bem, Azaléa (engasgado) Foi... foi uma enorme tolice, da minha parte, pensar em competir com meu ir

mão. Eu devia ter visto logo.

Azaléa - Lourival, deixe-me dizer-lhe...

^R
Narrador - (corta) Não, não! Não diga nada. As palavras seriam inúteis. Não modificariam a situação e nem abrandariam o meu sofrimento.

Azaléa - Isso é que eu não quero, Lourival. É que você sofra. Você é bom... não merece sofrer... e justamente eu, *que sempre...*

^R
Narrador - (corta) Você não tem culpa de nada do que está acontecendo. Não se recrimine, portanto. A culpa cabe exclusivamente ao destino que nos preparou esta emboscada. Ou talvez nem mesmo o destino seja culpado do que está acontecendo. Sim... só eu sou culpado. Mais ninguém. Eu me esqueci que era um velho e que não tinha o direito de levantar os olhos para a sua beleza moça e exuberante.

Azaléa - (súplice, voz trêmula de pranto) Lourival, agora sou eu que lhe peço que não fale mais. Você não vê que eu estou sofrendo? Cale-se, por favor!

^R
Narrador - Não. Deixe-me falar. Eu preciso externar esta mágoa que sinto, antes que ela tenha reduzido a cinzas o meu coração.

Azaléa - Não, não! Eu não quero ouvi-lo. (afastando-se a chorar) Eu não quero ouvi-lo. Não quero, não quero!...

G/REGRA - ACOMPANHA O APASTAMENTO DE AZALÉA COM PASSOS PRECIPITADOS DE MOÇA QUE SE APASTA.

^R
Narrador - Ela fugiu! Não me quis dar/nem mesmo o consolo de ouvir as minhas queixas. (Pausa e tom) E tudo por causa dele! Ele é o culpado de tudo! Serafim, Serafim, sempre Serafim!... Oh meu Deus, meu Deus!... Até quando, meu Deus!... Até quando?!... (dêsata a soluçar) *Até quando?!...*

CONTROLE - AO SINAL DA DIREÇÃO LEVANTA A CARACTERÍSTICA PARA FINAL DO 2º ATO.

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL FIM 2º ATO

CONTROLE - CARACTERÍSTICA PARA INICIO DO TERCEIRO ATO.

N
Narrador - A partir daquele dia, sepultou-se minh'alma num abismo de tristeza sem tréguas e sem consolo. Serafim tratou casamento com Azaléa naquela mesma semana e o seu futuro sogro, valendo-se da suas relações comerciais, conseguiu-lhe uma representação de produtos farmacêuticos, encargo que lhe permitia continuar os seus estudos como acadêmico de direito, trabalhando nas horas vagas. Desde então, nos poucos momentos em que, por vezes, nos encontrávamos nas horas de refeição, passou ele

e encarar-me com ar de superioridade e de vitória. Sua alegria, mais por esse fato do que por qualquer outro, contagiava minha mãe e minhas irmãs que nem se apercebiam do desespero que me dominava. Azalésa passou a só frequentar a nossa casa quando eu me encontrava ausente. E o tempo foi correndo, sem conseguir, nunca, arrefecer a minha tristeza. Um dia soube, por Catarina, que o casamento fôra marcado para a semana seguinte. Tive um choque tremendo. Ela, fingindo não percebê-lo, ou não o perceberem do realmente, perguntou-me com a maior displicência:

Catarina - Você não vai fazer uma roupa nova para o casamento do seu irmão?

^R
Narrador - Não, mana. Não vou fazer.

Catarina - Mas não é possível. A sua azul marinho está surrada e lustrosa. Você faria má figura, tanto mais que o pai de Azalésa vai fazer uma grande recepção no Clube.

^R
Narrador - Eu não vou.

Catarina - Bem, mas mesmo para ir à igreja a sua roupa está muito feia.

^R
Narrador - Também não vou à Igreja.

Catarina - Vai assistir só o civil? Mas embora. Será na casa de Azalésa e os padrinhos são todos gente muito elegante. Você fará má figura.

^R
Narrador - Também não vou ao civil.

Catarina - Como?!... Você não pretende assistir a nenhum dos atos do casamento do Pimfim?

^R
Narrador - Não, Catarina. Não pretendo assistir a nenhum dos atos do casamento.

Catarina - Mas não é possível. Isso é um absurdo. Uma coisa que não tem nenhum cabimento. Que dirão de você, mano?

^R
Narrador - Digam o que disser ^{o que} Não me interessa. Eu já disse e repito: não vou ao casamento, pronto.

Catarina - Seu irmão vai ficar desoladíssimo. Ele que estava contando com você para padrinho no ato religioso...

^R
Narrador - Pois ele que não conte comigo para coisa mais nenhuma, entendeu?

Catarina - Mano, por favor! Você não pode fazer...

^R
Narrador - (cortando) Chega, Catarina! Não me toque mais nesse assunto. E deixa-me só, pelo amor de Deus!...

Catarina - Você enlouqueceu. Não pode ser de outra forma.

^N
Narrador - (narrando) Mal Catarina ^{contou} (as ~~minhas~~ outras irmãs a minha resolução de não assistir ao casamento, Inoy e Tanda irromperam pelo meu quarto e

desenvolver uma saravada de argumentos com os quais pensavam me convencer.

Lucy - Quem souber que você foi namorado dela e não lhe vir no casamento, vai pensar, com toda a razão, que você ainda está despeitado pelo seu fracasso. Ficaria horrível para você, mano.

^R
Narrador - Não me importa o que pensem.

Wanda - São capazes de pensar, até, que você cortou relações com o seu irmão por causa dela. Você deseja que pensem uma coisa dessas?

^R
Narrador - Já lhes disse que não me importo o que pensem.

Lucy - Mas isso ficará horrível para todos e desgostará mãe terrivelmente.

^R
Narrador - Ninguém cogitou do meu desgosto, por conseguinte, não tenho porque pensar no desgosto dos outros.

Wanda - Que coisa horrível, mano! Você não se contenta de parecer mau irmão? Quer parecer mau filho também?

^R
Narrador - É ainda mais esta: eu é que sou mau irmão e mau filho.

Lucy - Wanda não disse que você é. Disse que quer parecer. Não torça o sentido das coisas.

Wanda - Mas não é o que vai parecer si ele não fôr ao casamento? Não é o que todo mundo vai pensar?

^R
Narrador - (não se contendo) Eu não me importo com a opinião de ninguém, já disse. Pensem de mim o que quiserem.

Lucy - Você não se importa mas nós nos importamos, ora essa. Para nós será muito desagradável que pensem uma coisa dessas.

Wanda - Está claro. Será um grande desgosto para mãe, para nós, para Azalée e até mesmo para o Pimfim.

Lucy - Você vai reconsiderar essa sua decisão a nosso pedido, mano.

^R
Narrador - (forte) Não!

Wanda - Mano, por favor. Não seja cabeça dura. Você...

^R
Narrador - (cortando, mais forte) Não, já disse.

Lucy - Que horror, mano! Até bruto você está ficando agora?

^R
Narrador - (exausto) Deixem-me descansar, por favor. Eu já não suporto mais esse assunto e vocês a insistir, a insistir... Parem com isso!

Lucy - Você viu a maneira como ele nos fala, maninha? Você viu?

Wanda - (ironia) Coitado! Devemos desculpá-lo. Está velho e os velhos, geralmente, vão se tornando ranzinhas e impertinentes.

^R
Narrador - (furiado) Deixem-me. Saíam daqui.

Lucy - É maninha, vamos. Sinão ele será capaz até de nos agredir.

Wanda - Vamos, sim. (afastando-se) Isso é recalque pela felicidade do Pimfim.

- Só pode ser recalque. Que coisa incrível!... *Que coisa horrível!...*

C/REGRA - PASSOS DE DUAS MOÇAS QUE SE AFASTAM.

N Narrador - (narrando) Não tardou muito em que Mãe viesse também tentar uma investida, para convencer-me de assistir àquele malfadado casamento. Falou durante uma hora, sem conseguir o seu intento. No fim, tendo perdido completamente as esperanças, disse-me em tom amargo e sentido:

Mimosa - Desde que seu pai morreu, você ficou sendo o pai dos seus irmãos, portando-se com galhardia admirável. Nunca deixou que faltasse a eles, nem mesmo o apêlo moral que tanto necessitavam. Ele próprio não teria feito mais do que você fez. Posso mesmo dizer que você não deixou que sentíssemos sinão a saudade da sua ausencia. Hoje, no entanto, eu volto a sentir, com desespero, a falta que ele nos faz. Seu pai, *com* todos os motivos que pudesse ter do seu irmão, não deixaria que este casamento se realizasse sem a presença de um varão da família. E isso... você vai fazer, meu filho. Sinto muito, porque, de hoje em diante não poderei mais dizer: "ele fez tudo que o pai teria feito."

^R
Narrador - (emocionado) Fiz quasi tudo. Já é alguma coisa.

Mimosa - Mas não é tudo.

N Narrador - (narrando) E dizendo isto, ela se afastou em passos lentos, levando, nos hombros curvados, o peso do seu desgosto. E a partir de então, foi como se lá em casa houvessem feito, todos, voto de silencio. Ninguém falava, mesmo uns com os outros, sinão o necessário. ^P Quando faltavam dois dias para o casamento...

Azaléa - Vim falar com você, Lourival.

^R
Narrador - Azaléa! Que... que deseja de mim?

Azaléa - O que todos desejam. Que você assista o nosso casamento.

^R
Narrador - (amargo) Para evitar comentários?

Azaléa - Não, Lourival. Para evitar um desgosto tão grande à sua mãe... e a mim.

^R
Narrador - Você... você sentiria desgosto, realmente?

Azaléa - Claro que sim. Você provaria que não me compreendeu e nem me perdoou.

^R
Narrador - Mas perdoá-la por que? De que? Eu não tenho o que perdoar a você.

Azaléa - Tem, sim. A desilusão imensa que eu lhe causei, mas pode ter certeza de que fiz tudo que era possível para não desiludí-lo. Aconteceu que fui vencida pelo coração, porque nós, mulheres, somos fracas demais para resistir aos seus reclamos.

^R
Narrador - E agora você quer que eu seja surdo aos clamores do meu, obrigando-o a assistir uma festa que o fará vestir-se de luto?

Azaléa - Eu não quero obrigá-lo a coisa nenhuma, Lourival. Estou, apenas, lhe pedindo que aceite o convite de seu irmão e seja nosso padrinho de casamento.

^R
Narrador - E que adiantará isso, para vocês, se vocês se casarão da mesma forma, com ou sem a minha presença?

Azaléa - É verdade que nos casaremos, sim, mas não da mesma forma, como você diz. Conforme já lhe disse, com a sua ausência eu terei a impressão de que você não me perdoou e que o meu casamento não será abençoado. Lourival, eu lhe peço... atenda a este pedido meu. (Pausa) Você vai ao nosso casamento, não vai? (Pausa) Você vai ter a coragem de me dizer que não? (Pausa) Vamos ver, estou esperando a sua resposta. (toda ternura e meiguice) Você vai, não é verdade?

^R
Narrador - (depois de pausa) Está bem, Azalés. Eu vou.

Azaléa - Obrigada, Lourival! Muito obrigada! Você quer saber de uma coisa? Eu tinha a impressão de que, se você não nos acompanhasse ao altar, que eu não seria feliz com seu irmão, mas agora, com a promessa que você me fez de comparecer, eu tenho certeza absoluta de que a felicidade sorrirá para nós dois!...

N Narrador - (narrando) Pobre Azaléa! Como estava enganada! Eu fui ao casamento e pedi a Deus pela felicidade dela, mas Deus não ouviu as minhas preces. Em menos de três meses de casados, já ela sofria e chorava pelas deslealdades de Serafim. E continuou sofrendo e chorando os cinco anos que estiveram juntos. Uma noite, ela estava ~~doente~~ doente e pediu a ele que não saísse, que ficasse para lhe fazer companhia, já que ela não estava se sentindo nada bem. Ele pretextou um serviço urgente no escritório, para não atender o pedido de Azaléa. De madrugada, vieram avisá-la que ele estava no hospital, gravemente ferido.

Rab. No momento, não lhe quizeram dizer a verdade, mas logo depois, os jornais publicaram, com destaque, a fotografia do marido ultrajado que abatêra, com dois tiros certos, a mulher e o amante. Todos sofreram e choraram a morte de Serafim. Azalée, Mamãe, Catarina, Lucy e Wanda. Só eu não podia chorar. Só eu não podia sofrer. Não me cansava nenhum desespero nem mesmo aquele terrível desatino dos que o rodeavam. Eu não sentia tristeza, não sentia abatimento, não sentia pena, não sentia o menor abalo diante da sua morte. O que eu sentia verdadeiramente, no coração, era uma grande sensação de alívio, de bem estar... como alguém, que depois de uma longa caminhada, consegue arrancar, dos pés, os sapatos que o machucavam. Eu me libertára, finalmente, de um pesado grilhão que me aniquilava! Dali por diante - pensava - eu havia de retornar ^o meu verdadeiro lugar, na consideração e no respeito daquela gente que me relegára, sempre, a um plano de inferioridade, quando eu tinha certeza absoluta de valer muito mais do que meu irmão. (Pausa e tom) Infelizmente... nada do que eu pensara aconteceu. Minha mãe e minhas irmãs se afundaram na dor e na saudade, que lhes deixara a brusca ausência de Serafim, e a partir daquele dia, nada mais e ninguém mais lhes despertou o menor interesse. Arrastavam a vida rezando e chorando, vivendo unicamente em função da lembrança daquele momento trágico que elas se esforçavam por não esquecer um só instante. (P.T) Azalée voltou para a casa de seus pais. De vez em quando eu ia vê-la e procurava animá-la. Ela sorria tristemente para mim e me dizia com voz de profundo desânimo:

Azalée - Só o tempo poderá, talvez, fazer com que eu esqueça tudo isso, Lourival. E eu precisava esquecer... para não sofrer tanto, você sabe?

N Narrador - Ao fim de dois anos, por insistência dos pais, ela recomeçou a sair e embora limitasse essas saídas com visitas aos enfermos, missas e outras obrigações de caráter social ou religioso, logo começou a se sentir mais reconfortada e menos tristonha. Enchi-me de esperanças e depois de transcorrido o terceiro aniversário da morte de Serafim, resolvi falar-lhe da possibilidade de recompormos as páginas rasgadas do nosso romance de outr'óra. Ela alongou os olhos para o infinito, adquirindo logo aquela expressão estranha de alguém que se transporta para um mundo irreal e diferente e falou, suave e pausadamente:

Azaléa - Lourival, eu não quero enganar você. Eu não quero mentir e você que nunca mais me casarei. Sou moça ainda e é bem possível que dentro de mais um ou dois anos, eu volte a sentir o anseio e a necessidade de viver.

Narrador - Deverei esperar mais esse tempo?

Azaléa - Não, Lourival. Eu quero ser bem sincera com você. Você não deverá esperar nada em tempo algum. Eu não poderia me casar com você nunca mais. E sabe por que? Porque tenho a impressão de que se fizesse isso, estaria traindo duplamente a memória de seu irmão e que o seu fantasma haveria de me perseguir sempre, não me permitindo, nunca mais, um só momento de felicidade.

N Narrador - (narrando) Sai dali completamente arrasado. Meu irmão continuava a ser, mesmo depois de morto, a cruz pesada que o destino colocara sobre os meus ombros. E sabem por que me lembrei, hoje, de contar-lhes esta história? Porque vim de assistir, de longe, ao segundo casamento de Azaléa. Faz talvez uma hora que ela partiu, de automóvel, sorridente e feliz, ao lado do seu segundo marido e, uma hora, também, que a minha cruz peza mais, muito mais, sobre a fragilidade dos meus ombros curvados e feridos!...

CONTROLE - CARACTERISTICA MUSICAL FORTE, PARA ENGENHAMENTO DO PROGRAMA.

Narrador - Salimem Jor.
Mimosa - Nina Rosa
Visinha - Nelito Aguiar
Catarina - Lúcia Gay
Wanda - Lourdes Helena
Lucy - Sonia Daluare
Azaléa - Rosamaria
Direção - Mario Gomes